

LEITURA, LITERATURA E LETRAMENTO

Ewerton de Freitas Ignácio

Carlos Alberto Oliveira Neiva Júnior

Bianca Alencar Vellasco

RESUMO: O presente artigo pretende veicular resultados do trabalho que se realizou no Colégio Estadual Américo Borges, no município de Anápolis, com alunos da Educação Básica. Segue-se uma breve explicitação do material teórico que embasou o trabalho e também a descrição das principais atividades realizadas, bem como um parecer sobre a receptividade dos alunos frente à metodologia aplicada, com o objetivo de proporcionar aos alunos do colégio selecionado um maior contato com o universo da leitura e da escrita mediante a realização de práticas e eventos de letramento. O resultado a que se chegou é satisfatório, haja vista que os referidos alunos demonstraram melhorias em sua capacidade de escrita, bem como tiveram sua sensibilidade despertada para atividades ligadas ao universo da literatura e da arte.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Escrita. Letramento literário.

INTRODUÇÃO

A realização deste trabalho pautou-se por uma concordância com a proposta do letramento de enfoque ideológico (ROJO, 2009), capaz de transformar a consciência do aluno não apenas para fins pragmáticos simplistas, mas também para que se lhe desenvolva a agudeza e a sensibilidade para com as práticas letradas a fim de possibilitar uma visão – cultural, literária, opinativa – mais ampla. Ampla no sentido de ser possível entender um panorama social, em que existem lugares sociais e pontos de vistas proporcionados por esses determinados lugares.

O público-alvo do colégio selecionado é composto predominante por jovens carentes e, nesse sentido, as atividades propostas e aplicadas levaram isso em conta, seja no que diz respeito à escolha dos textos e materiais a serem trabalhados, seja no modo como as atividades se deram. As atividades de produção de texto em sala de aula se processaram de uma forma mais intimista, evitando-se correções mecânicas e propondo-se ritmos de leituras diferentes – com um real contato com os textos e não apenas por

meio de referências teóricas a eles (que possivelmente contribuem para o aumento da distância entre leitor e obra).

Visando suplantar a dita escolarização da literatura, que ocorre quando o foco recai unicamente para os aspectos cronológicos do material literário, o nosso objetivo foi direcionado pelo intuito de fazer com que os alunos pudessem reconhecer muito mais do que as características dicotômicas de autores, escolas literárias e obras, tendo como mola propulsora uma motivação crítica – que ultrapassa também o entretenimento – para que pudéssemos, juntos, chegar à construção e à produção de sentidos para concretizar o nosso intento, que gira em torno de um ensino de literatura que promova “um movimento contínuo de leitura, partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno” (COSSON, 2011, p. 47-48).

DESENVOLVIMENTO

Nos encontros ocorridos nas dependências da UEG, houve a leitura e o estudo dirigido das obras teóricas que embasaram as atividades realizadas no colégio selecionado. Tais leituras foram válidas na medida em que subsidiaram as explanações sobre o conteúdo abordado nas aulas. Não obstante, nosso desafio foi superar a distância entre a teoria e a prática, na verdade, um desafio que não julgamos completamente superado, haja vista que ainda temos tentado nos aprimorar mais nesse aspecto.

Tendo sido as atividades realizadas no colégio em encontros vespertinos, aquelas realizadas no segundo semestre de 2012 foram embasadas teoricamente no livro *Para Gostar de Escrever* (2000), dos autores Carlos Faraco e Francisco Moura. O conteúdo envolveu principalmente narração descritiva e dissertação argumentativa, destacando as características estruturais e textuais de ambas. Nas duas primeiras semanas, preparamos falas sobre a importância do gênero textual narração e a sua ampla ressonância em vários outros gêneros, sobre as formas de se identificar uma narração e uma descrição e também exercícios para produzi-las. Os alunos, que já demonstravam algum conhecimento sobre os conceitos básicos utilizados, tinham reais dúvidas quando do contato com alguns textos, quer dizer: em afirmar com certeza o que realmente era considerado como exemplo desses gêneros. Não reconheciam, por exemplo, as piadas como textos narrativos, levando em conta apenas o conteúdo e não as sequências

textuais. Utilizamos dos exercícios indicados pelo livro, que envolviam a desconstrução de um texto, a criação de fragmentos textuais para preencher um texto já iniciado e a organização narrativa. Nesse tipo de exercício (o de reconstruir um texto), os alunos se mostraram competitivos. Apontavam de melhorias, reparos, acréscimos e complemento de parágrafos, num processo de análise nas quais compúnhamos textos em conjunto. Ao final da aula, pedia-se a escrita de uma narração para ser entregue na semana seguinte. Percebemos um interesse proeminente também pela atividade de “correção exemplar”, testada/treinada nos encontros preparatórios ocorridos na UEG e aplicada no colégio, tarefa que consiste no fato de uma redação, dentre aquelas cuja escrita havia sido pedida, era escolhida, transcrita no quadro e corrigida à frente de todos, destacando-se a organização textual, os elementos descritivos, a coerência dos tempos verbais e os equívocos de ordem ortográfica.

Quanto ao segundo conteúdo a ser introduzido (dissertação), enfatizamos a diferença básica desse gênero em contraste com o outro citado, que é a presença da argumentação, da fundamentação das ideias e da linguagem de certa forma mais neutra. Um momento interessante foi o “treinamento” dos argumentos, que consistiu em uma espécie de competição, uma “batalha” de argumentos. Os textos lidos, presentes no capítulo 2 do livro de Faraco e Moura (2000), foram lidos com o intuito de se encontrar a ideia central (ou tópico frasal), os argumentos do desenvolvimento e o ponto-chave conclusivo. Nessa etapa, foi solicitada a redação de um texto dissertativo-argumentativo sobre o tema da pena de morte no Brasil – assunto em pauta na época (setembro – outubro de 2012). O encerramento dessa parte do projeto envolvendo a produção desses dois gêneros textuais aconteceu mediante a seguinte atividade: foi pedido aos alunos que escrevessem um parágrafo respondendo à seguinte pergunta: “Qual tipo de texto você prefere escrever? Narração ou Dissertação? Por quê?”. Seguiu-se a leitura, pelos alunos, dos textos que eles mesmos haviam produzido. Num primeiro momento, a timidez e o medo de algum tipo de constrangimento os tolhia. Com o passar dos encontros, eles foram se soltando mais e, ao final dessa etapa, havia um certo alvoroço entre eles, que queriam ler suas produções escritas. Nesse momento, nos demos conta de que poderia ser criado um *blog* que eles pudessem acessar e criar textos (literários ou não). O *blog* foi criado e veicula os resultados e as formas pelas quais nossos encontros ocorreram, mas não houve a participação esperada dos alunos do colégio, muitos dos quais alegam que não têm acesso à internet em casa.

O que poderíamos chamar de um terceiro momento do projeto foi quando se deu a utilização do livro de Luis Fernando Veríssimo, *Comédias para se ler na escola* (2008), do qual lemos duas crônicas, após o que se realizou uma atividade envolvendo figuras de linguagem como forma de expressão: breve explicitação e a identificação delas nas crônicas lidas. Na época da realização do vestibular, escolhemos o livro de Bernardo Élis, indicado na lista do processo seletivo da UEG, para leitura e análise de alguns poemas, e também foram respondidas questões de vestibular de um Curso Preparatório, denominado Curso Meta, voltadas para interpretação de texto. Um momento mais descontraído foi quando da leitura de várias “Pérolas do Enem”, uma coletânea de frases com erros crassos nas redações do Enem, disponíveis na internet, com discussão sobre os erros cometidos. Chegando ao final do primeiro semestre do projeto e estando todos próximos às datas festivas, o material lido constituiu-se de dois contos de natal, um de Charles Dickens, outro de Carlos Drummond de Andrade, e a última atividade realizada em 2012 consistiu em que o aluno “concordasse” ou com a visão de um autor, ou com a de outro.

O ano de 2013 se iniciou com uma perspectiva mais contemplativa. As primeiras semanas foram usadas para a leitura de *Dom Casmurro* de Machado de Assis, com a intercalação da minissérie *Capitu*, transmitida pela Globo em 2008 e dirigida por Luiz Fernando Carvalho. Após a “leitura assistida”, pensamos em introduzir uma parte mais produtora de textos, semelhante à que foi realizada no ano anterior. O objetivo dessa atividade, além de propiciar o contato com uma obra canônica da literatura brasileira em um ritmo diferente, era o contato com as chamadas releituras. O destaque da resposta dessa atividade foi uma espécie de indecisão. Entendemos que eles conceberam as duas formas de apresentação da história de Machado como formas muito distantes uma da outra, e foi unânime a conclusão de que “perde-se” muito só assistindo sem as informações que o livro traz, e deixa-se de interpretar de uma forma mais dramática sem o respaldo da minissérie.

Finalizado os debates sobre as adaptações de obras e a visão e interpretação de cada indivíduo, decidimos iniciar um novo arco, trazendo o tema histórias em quadrinhos como centro. Além de ser um tema muito querido, sobretudo pelo público juvenil, as adaptações cinematográficas e sua popularidade na mídia nos ajudariam a aumentar o interesse dos alunos, a fim de levá-los para os limites de uma visão de histórias em quadrinhos como gênero textual, com suas características e recursos visuais

(CALAZANS, 1997). O interesse pela leitura, objetivo principal do nosso projeto, poderia ser fomentado nesse meio. Dividimos essa atividade em dois momentos, no primeiro apresentamos o gênero aos alunos juntamente com a sua história, subdivisões, curiosidades e destaques. Iniciamos um debate sobre a marginalização que esse gênero textual vem sofrendo e discutimos sobre os recursos literários de que as HQs dispõem, como onomatopeias, narrações, metonímias e calhas. O segundo momento foi o da produção de tirinhas, visando ao incentivo à escrita. Depois disso, fizemos uma oficina de produção de tirinhas, respeitando-se as normas de estrutura que tínhamos estudado.

Pudemos notar que, ao final desta terceira etapa de nossas atividades, os alunos se viram motivados a lerem mais desse gênero e a vê-lo com outros olhos, não mais como algo pueril e para mera distração, mas também como um texto literário, com suas especificidades e relações interartes (CARVALHAL, 2004), como qualquer outro.

Sobre o *blog* cuja criação já citamos, vale ressaltar que ele foi alimentado com fotos dos encontros, curtos relatórios sobre o que foi feito, algumas dicas para os alunos sobre os mais variados assuntos e uma apresentação do que é o nosso projeto. Nosso objetivo era o de que os alunos também pudessem postar suas opiniões, mas, até o momento, isso não tem acontecido como esperávamos. De qualquer modo, a leitura do *blog* pode fazer com que os alunos se sintam participantes e atuantes de fato em todo o processo de ensino-aprendizagem, bem como pode proporcionar um contato entre seus pais e professores e o trabalho que eles realizam no colégio, bem como pode informar a todos quantos se interessarem pelas atividades realizadas. Nesse aspecto, pode-se afirmar que obtivemos êxito, uma vez que, atualmente, nosso *blog* contabiliza mais de quinhentas visualizações.

CONCLUSÃO

A experiência proporcionada pelo PIBID tem sido tão pragmática quanto reflexiva. O primeiro contato com a sala de aula nos faz perceber a urgência de se inovar em metodologia e do impacto que uma atitude desse tipo causa. Os alunos estranham, por exemplo, o debate crítico como centro da aula tradicional expositiva. Percebemos também a importância do diálogo e do planejamento concreto antes de se ir à frente de uma sala de aula, a título de organização e esclarecimento dos objetivos. Por fim, queremos destacar uma contradição explícita que impera na nossa área: os nossos

alunos que declaram não gostar de ler têm como atividade principal de lazer passar horas a fio no computador – onde nada mais fazem do que ler (ou meramente decodificar palavras?), visualizar imagens (muitas vezes legendadas) e ter todo tipo de estímulo visual que provavelmente exigem uma mínima interpretação. Qual a dificuldade de se levar literatura para esses mesmos alunos então? O desafio maior parece ser, portanto, o de instigá-los a terem contato com diferentes tipos de leitura – a teórica, a informativa, a literária, a articulada, a provocativa – mediante um olhar dotado de mais acuidade, proporcionando a realização de atividades que culminem em formações completas (não apenas de conteúdo), para além daquilo que comumente se espera.

REFERÊNCIAS

- CALAZANS, Flávio Mário de Alcântara. *Histórias em quadrinhos: teoria e prática*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 2004.
- COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- FARACO, Carlos; MOURA, Francisco. *Para Gostar de Escrever*. São Paulo: Ática, 2000.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 35. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Dom Casmurro*. Escala Educacional: São Paulo, 2008.
- ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- VERÍSSIMO, Luís Fernando. *Comédias para se ler na escola*. Objetiva: Rio de Janeiro: São Paulo, 2008.